

SÉRIE

15 POEMAS +



VOLUME I: ANA BAILUNE
HELENA FRENZEL ED.

CRÉDITOS

Série 15 Poemas+, Volume I: Ana Bailune, 1a. Edição, *Helena Frenzel* Ed.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre os poemas e as imagens aqui usados estão reservados à autora: *Ana Bailune*, Petrópolis, RJ, Brasil.
(www.recantodasletras.com.br/autores/annabailune).

Apresentação: *Celso Felício Panza* – autor gentilmente convidado.

Edição deste volume (usando o iBooksAuthor): *Helena Frenzel*

A grafia dos textos foi mantida como nos originais.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre esta edição estão reservados à editora.

Todos os textos aqui usados com a permissão dos autores. Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso não comercial - Vedada a criação de obras derivadas 2.5 Brasil, desde que na íntegra e com o devido crédito de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com

SUMÁRIO

Sobre o volume (iii)
Sobre a autora (iv)
Nota da editora (v)
Apresentação (vii)
O lobo (9)
É na alma (11)
Distâncias & silêncios (13)
Recordações (15)
Acorrentado (19)
Meu erro (21)
Fantoches (23)
Noite (25)
Passos amarrados (27)
Fica pra você (28)
Amargos desejos (30)
Se soubéssemos (32)
Dimensão (34)
Título (36)
Alma penada (38)

SOBRE O VOLUME

Série
15 Poemas+

Volume I

Poemas de *Ana Bailune*
com
Apresentação de *Celso Felício Panza*

Edição: *Helena Frenzel*

Junho de 2013

Esta publicação é parte do site *Quintextos*
(quintextos.blogspot.com)

Venda proibida

SOBRE A AUTORA



ANA BAILUNE é petropolitana e publica seus contos, crônicas, poemas, resenhas e artigos em seus sites e blogs na internet. É assinante do site Recanto das Letras. Tem um livro de poemas publicado — "Vai Ficar Tudo Bem" — e participações em várias antologias, como "Gandavos" I e II (gandavos.blogspot.com), "15 Contos+" I e II (quinzecontosmais.blogspot.com) e "Traços e Compassos", de Miriam Sales (Editora Pimenta malagueta). Atualmente, prepara um livro de contos a ser publicado.

NOTA DA EDITORA

15 Poemas+ é uma série de publicações com a qual visou oferecer ao leitor ‘pedacinhos’ de autores cuja obra a maior parte se encontra na Internet, de forma gratuita e por vezes fragmentada em textos, comentários e interações em diversos sites. São autores talentosos e relativamente desconhecidos, pessoas comuns que escrevem sobretudo movidas pelo mero prazer da escrita e da livre publicação.

Autopublicação não deve jamais ser visto como sinônimo de textos com baixa qualidade literária; é muito mais um recurso ou canal através do qual a criatividade flui, o que é ideal para quem brinca com arte e quer decidir por si próprio o que deve ser publicado ou não, e como não poderia deixar de ser: acaba sendo o ninho perfeito para a geração de textos muito bons.

Obras de autores que escrevem e publicam basicamente só na rede, a meu ver, têm marcas de liberdade, autenticidade e transgressão e tratam de sentimentos e temas universais, características de peças consideradas artísticas.

E se há autores cujos escritos ‘gritam’ autenticidade e desapego a regras outras que não a escrita por si, ou seja: escrever por escrever e não por qualquer outro motivo, esse é um grupo de autores que têm em grande parte dos escritos de **Ana Bailune** forte representação. E exatamente por isso eu quis abrir esta série com alguns de seus poemas.

Este é um trabalho que fiz com muito carinho e, antes de mais nada, ainda que a autora não precise de homenagens para seguir escrevendo, é uma forma de reconhecimento a tantas vezes que seus escritos falaram ao meu coração e eu nada disse, apenas absorvi.

Os quinze poemas ou prosas poéticas deste volume foram selecionados pela própria autora, dentre aqueles que, por razões só ela conhece, lhe são caros ou especiais. E contam com a sóbria apresentação de Celso Felício Panza, autor que tão gentilmente atendeu ao convite para deitar sobre este texto um olhar mais demorado, a fim de iluminar pontos, quem sabe, que leituras apressadas possam vir a ocultar. A você, Celso, meus sinceros agradecimentos.

Assim sendo, leitor amigo, trago-lhe **Ana Bailune** em 15 ‘pedacinhos’ líricos, para prova e degustação.

Boa leitura.

Helena Frenzel, Alemanha, 10 de Junho de 2013.

APRESENTAÇÃO

Escrever sobre os sensíveis é árdua missão. São como cordas da lira que vibram e fundem-se ao entremeio dos suspiros da alma. É a sonoridade do coração. Para considerar suas obras requisita-se estatura compatível, sempre difícil, por formarem casta singular nascida sob o signo da sensibilidade que lhes marca o destino, projetando-os para a diferenciação universal. Esta faceta de adorno das personalidades invulgares, onde se insere Ana Bailune, torna necessários atavios e ornatos na apreciação de suas criações. Formalizar essa distinção é desafiadora investidura. O convite, contudo, por honrar, fortalece a vontade afastando o temor de não ficar à altura da convocação. Dizer sobre a obra de Ana Bailune é confortável. Poucos têm no verbo a correnteza fluente da dicção que envolve, como rios que levam ao mar e se abraçam na unidade. Nessa síntese coesa da proclamação da força do amor, que impulsiona e move toda a natureza, desponta marcante Ana Bailune. O rico interior de Ana Bailune tem essa exclusiva motivação. Esteio de vigor em personalidade, não esconde ser mais franca que a franqueza, o que lhe traz a condecoração dos verdadeiros, ícone do respeito, na avalanche máxima da poesia afetiva e forte, que desce como lava dos montes da emoção, convergente em generosidade e distante dos aplausos fáceis. Agigantada em reportar a vida, cresce como o vento que leva às distâncias o hino do encantamento. Emudecida de presenças queridas, tece no sofrimento a percepção das almas agudas que cantam a ausência na aleia da saudade. É real, vigorosa sem reparos vigilantes, onde vence a sinceridade, invadindo corajosamente o realismo de externar um plano de ideias que não deixa vazio o combate da desrazão. Passa ao largo da indiferença dos bons valores, antes exalta-os. É onde encontrei afinidades com sua semântica. Sustentada na razão, traços eruditos, esculpe sinalizações construtivas na singeleza que afina a forma, esmiuçando linhas no brilho em dizer, enfrentando na conformidade de suas crenças a antinomia do que rejeita, com respeito e autoridade. Sem dúvida Ana Bailune se inscreve no portal da comunicação literária como nome em evidência. O débito da publicidade maior, credora que se faz, é como fato social não tornado norma, embora realidade a pedir tratamento devido, pois há sempre mora de temporalidade. Khalil

Gibran só eclodiu no mundo um século após seu passamento. Ninguém cuja valoração persegue o bem e o amor deixa de ter reconhecimento universal, pelo caráter evidenciado em parcela da humanidade. O valor caminha em estrada difícil, mas triunfa na chegada que tarda, mas ocorre.

Ana Bailune nos brinda com leque poético desenhando o mais sagrado bem, a vida e suas vicissitudes. “O LOBO” é concentração de saudade e distância que se desfaz em paradoxo de presença constante, e encontra calma “NA ALMA”, entre o “... ficar, dizer, calar, morrer, viver, acordar, sonhar...”, que definem a densidade da poetisa, abrigada pelo clássico e insubstituível João Ribeiro, como em “Páginas de Estética”, aflorando da poesia de Ana o lacre inconfundível, como diz o mestre, da “força no estilo”. A paixão singulariza esse estilo forte adoçado pela suavidade do sentimento. No “SILÊNCIO”, refúgio dos sábios, encontra como atilada buscadora mil naufrágios, enevoados, aonde não chegam os cantos dos pássaros nem a maior das alegrias humanas, o sorriso das crianças.

Reabre o passado em “RECORDAÇÕES”, visita-o como mundo de fadas, brinca com a saudade em cintilantes momentos onde o novo preside a vida na surpresa do acontecimento. Desnatura com delicadeza a eventual felicidade do anjo que resta encarcerado na inverdade do sonho em “ACORRENTADO”, e disseca os contrários em “MEU ERRO”, exuma suas partes, desnuda “FANTOCHES”, personagens lançados na procissão humana com alargada presença, préstito do indesejado, mostrando as mentiras da “NOITE”, para sinalizar em “PASSOS AMARRADOS”, a liberdade descerrada. Fica “PARA VOCÊ”, para nós, a “DIMENSÃO” de “AMARGOS DESEJOS”, do “SE SOUBÉSSEMOS”, onde se salta da condicionalidade à certeza de que pecamos, punimos a nós mesmos deixando a vida passar e os que amamos irem embora. Que se tornem brilho e indicação de caminhos de quem vive a vida na verdade e intensidade do momento, esses e os outros brilhantes lapidados no dom de Ana Bailune, que nos oferece a poesia amanhada, cuidada esmeradamente, sem esquecer passagens que deixam pegadas do sonho, da autenticidade em ser, da razão que não perde consciência, iluminadas criações, rico esmalte da alma.

Celso Felício Panza, Niterói, Rio de Janeiro, 2 de Junho de 2013.

CELSO FELÍCIO PANZA é magistrado, atua como consultor jurídico e escritor.
Site: www.recantodasletras.com.br/autores/celsopanza

O LOBO

Ele se foi de mim,
E hoje uiva nas estepes,
Solitário lobo,
Sem casa e sem pouso,
Tão longe de mim.

Ah, e eu te procurei,
E eu te quis por perto,
Num resgate
De peito aberto
Desse meu triste e imensurável
Deserto.

Lobo, se tu uivas
Em noites assim
De luar claro,
Algo estremece em mim...
Pois és a parte que me falta,
A que fugiu de mim
No dia em que nasci.

E eu espero,
E eu procuro,
Deixo a porta sempre aberta
E um bom naco de minha carne
Na esperança de rever-te,
Na esperança de juntar-me a ti,

Pedaço de minha alma.
Anseio pela alegria
De finalmente, reencontrar-te,
Parte ausente de mim,
Nem que seja
No limiar da incerteza,
No meu último dia,
Criatura Divina.

É NA ALMA

É só na alma,
Na branca paz da alma,
Na calma,
Ou na calda quente,
Fervente da alma,
Que desabroçam,
Ascendem,
Revelam-se...

É só no sangue,
No vermelho mais rubro,
No escuro,
Na luz viva
E ativa
Da alma,
Que eu me desaguio.

Não é o número
Dos meus passos,
Ou de minhas sílabas
Que determinam
O que me determina!
É só a alma,
Aquela parte de mim
Que está entre o ir
E o ficar,
O dizer

E o calar,
O morrer
E o viver,
O acordar
E o sonhar.

Sempre no meio,
Um pé no chão,
Outro na lua,
Um pensamento cúbico,
Outro pensamento súbito,
Uma nesga de treva
E outra nesga de luz.
E tudo vem da alma,
Esse lago que não seca,
Que não seca jamais.
É de lá que eles vem:
Os meus poemas,
E de nenhum outro lugar
Que tu ou qualquer um
Queiram nomear!

DISTÂNCIAS & SILÊNCIOS

Os silêncios formam rios entre as vidas,
Rios cheios de distâncias e naufrágios
 Cujas superfícies
 Jamais são agitadas
 Por qualquer vento.
E os corações transbordam histórias,
 Memórias e adeuses,
 Desaguam ressentimentos
Que tornam estes rios cada vez mais densos...
 Os silêncios não tem barcos,
 E mil coisas naufragadas
Permanecem, para sempre, no fundo negro
 E inatingível,
 Aumentando as distâncias.

Não chegam mais os cantos dos pássaros,
 Os risos das crianças,
As tardes encantadas, onde à volta de uma mesa,
 Derramavam-se lembranças.
 E as ondinas, caladas,
 Choram sobre as pedras
Pela vida tão displicentemente desprezada,
 Como se não tivesse sido nada,
 Como se fossemos todos estranhos,
 Como se não tivesse havido momentos!

Alguns caminhos se fecham
Entre os rios e os silêncios,
E nunca mais, em nenhum tempo,
As distâncias poderão ser alcançadas.
Mas na outra margem, alguém sentado
Segura ainda um fio de esperança
Por tudo o que foi vivido
E que pode ser lembrado.
E embora o fio seja frágil,
A ele este alguém se agarra,
Pois não lhe resta mais nada.

E passam, uma a uma, as estações,
Do caloroso verão ao frio inverno,
Até que não reste mais nenhum sinal
Do rio, do silêncio, da distância
Dos naufragos e dos sobreviventes
Ou daquele fio de esperança.
Mesmo assim, um sentimento sempre terno
Há de permanecer no âmago
Daquelas águas estagnadas.
Um dia, alguém há de se lembrar
E um suspiro, apenas, será o selo
Sobre cada arrependimento
Por mais que tardio,
Por tudo que ficou naquele rio.

RECORDAÇÕES

Um grito,
Mas um grito alegre e caseiro
Chamando para o almoço,
No meio-dia das cigarras.

As tardes de farras
Em frente a TV,
Sessão da Tarde,
Elvis,
Feitiço Havaiano,
Leite condensado,
Doce de abóbora.

Conversas ao muro,
E a faquinha de cozinha
Presas à cintura,
E que sumia, de repente.
Crianças eram culpadas?
-Até que a faquinha
Reaparecia
Nalguma beirada.

Sábados de feira,
As bolsinhas de retalhos
Coloridos, emendados,
Frutas, legumes, verduras,
Ônibus lotados

(Às vezes, o taxi)
Brincar na rua
À luz da lua...

Pique-esconde, queimado,
Polícia-e-ladrão,
Balas, guaraná
(No céu: um balão!)
"Vem tomar banho,
Vem jantar,
Fazer a lição!"

Noites de sábado
Vizinhos em volta,
Televisão,
Café com leite,
Queijo no pão...

Primeira Exibição
Na TV preta e branca
Sessão Coruja
Madrugadas estreladas,
Capim deitado nas colinas
Brilhando
Na noite enluarada.

Domingos de festa,
Macarronada com purê,
Refrigerante
-Quem vai arrumar a cozinha?
Eu lavo, ela enxuga,
Descobrem mais uma ruga,
Rugas no fim de tarde,

Sentados no alpendre,
Meu pai e laranjas,
Casca ondulada no chão,
"Doce como mel!"

Vizinhas,
Rinhas,
Intriguinhas,
Pazes feitas,
Refeitas,
Amizades
Que não se desfaziam
Por causa de um fio puxado,
Mas que eram para sempre...
Todos, apenas, gente.

Véspera de Natal...
Vidraças da cozinha embaçadas,
Pudins, vinho, rabanadas,
A árvore colorida no canto da sala,
canções de natal pela Rádio Difusora,
Embrulhos de presentes, fitas,
"Aonde anda a minha tesoura?"

A vida era simples assim:
"Olhe as crianças para mim,
Enquanto vou ali?"
"Olho, mas por favor,
Traga um quilo de açúcar?"
"Quer umas uvas?"
"Empresta um biquíni?"
"Vamos brincar
De cantar?"

Vamos, vamos, brinquemos de cantar,
Enquanto tudo é doce,
Inocente,
Nada muda,
Pois é assim mesmo
Que deveria ficar, para sempre...

ACORRENTADO

De que adianta ser anjo,
Se estás preso a uma jura?

Quando as asas aprisionam,
Em um voo indesejado
E alcanças as alturas
Ao teu ego, acorrentado?

Ah, nada sabes
Do quanto ainda és escravo!

Pois um anjo verdadeiro
Voa, sem a pretensão
De chegar ao paraíso,
Pois o leva dentro em si.

De que adianta ser anjo,
Se não consegues sorrir?

Pois se temes esse mal
Que carregas em tua alma,
Dele, tu serás a vítima,
E te perderás de ti...

Pois um anjo, no espelho
Vê além do seu reflexo,
Vê a essência do Divino
Adormecida em seu plexo.

De que adianta ser anjo
Se tua reza não tem fé?

Ah, palavras que derramas,
Sem razão e sem porquê
Sobre um solo ressecado
Qual sementes a morrer.

Pois a oração de um anjo
Transcende toda a palavra,
É a flor do sentimento
Brotando de alma para alma.

De que adianta ser anjo,
Se não há felicidade,
Se não um paraíso,
Se não há uma verdade?

MEU ERRO

Esperiei que o mar
Fosse doce
(Embora não fosse).
Eu pensei que o vento
Traria perfumes,
Mas não trouxe...

Desejei que uma flor
Se abrisse
E jamais murchasse,
Desejei que o tempo
Não passasse...

Eu pensei que o amor
Compreendesse
Sempre, incondicionalmente,
Mas o amor esqueceu-se
De amar; retirou-se
Ao trazer consigo
O castigo,
Desamou-se...

Quisera abraçar e trazer
Sempre comigo,
A certeza tranquila,
A esperança trançada
Nos cabelos!

Mas a trança desfez-se,
A esperança partiu-se
Em pedaços pequenos
Cortados em foice...

E de erros em erros,
O que eu esperava
Tornou-se pó,
Foi soprado sem dó
Pela boca profana,
Pela voz rouca, louca
Sussurrante.

FANTOCHES

Raiz de mandrágora
Na palma da mão
Cordas esticadas,
Voodoos espetados
Cabelos trançados
Em volta da anágua.

Ela afogava,
Ela mergulhava
E manipulava
Diversos destinos
Para que ficassem
Sempre em suas águas.

Na barra da saia
As vidas de muitos
Viéis e cambraias,
Formando rendados,
Bainhas, brocados
Em suas roupagens.

Trançava destinos,
Tendões esticados
Corações abertos
Bem presos nos broches...
Nas pontas dos dedos,
Todos os fantoches.
-Amor?
-Não; deboche.

NOITE

Não há nada nessa noite
Que te encante
Que te afoite
A não ser o leite negro
Que desce
Pela pedra
Do teu rosto...

Teu desgosto me acorda,
Me mantém alerta, à porta,
Olho a lua
Mais que aguada,
Tão branca,
Dentro da noite,
Que não te deixa um só espaço,
Nenhum lugar ou regaço
Onde amoites
A verdade das tuas dores.

Nada há que te preencha,
E a pedra da tua face,
E o vidro dos teus olhos,
E o corte no teu peito,
E o leito onde te deitas
Serão frios nessa noite.

E mesmo que tu coites,
Loucamente, em desespero
Nem mesmo prazer haverá
Na tua sofreguidão;
Pois o amor, no fim será
Mais um que te desacoite!

Não; não há nada nessa noite
Que te encante,
Que te afoite!

PASSOS AMARRADOS

Amarrei meu passos

À tua vida,

Para que eu nunca te deixe,
Para que nunca me deixes

E que jamais nos distanciemos.

Amarrei meus passos, em vão...

Pois na ânsia, eu me esqueci
Do quanto é livre, sempre,
Cada coração.

FICA PRA VOCÊ

Fica pra você
Todo esse brilho que cintila
Nas jóias sobre a mesa,
Pode ficar
Com toda a luz,
Toda a certeza.

Fica também com a razão,
Com a palavra,
Possua, sem dó, o dom
Daquilo que no fundo,
Te mata.

Fica pra você,
Não faço mais questão
De tanto ouro,
Tanta prata.

Mas tira essa mão
Daquilo que eu amo:
-A minha paz,
O direito de estar sempre
Aqui, no meu cantinho,
Seguindo meu caminho.

Fica pra você,
Pega essas moedas
E faça com elas
O que bem quiser.
Doe, jogue fora,
Ou fique, como esmola,
Pra te sustentar
Nas piores horas!

Fica pra você
Tudo, tudo o que aqui estiver
E que possas carregar
Ou arrastar
Atrás de si
Ao longo dessa vida
Para a qual, morri.

AMARGOS DESEJOS

Dentro dos olhos,
Queria a imagem de tudo o que existe,
Como quem possui e absorve
Como quem nunca foi triste.

Desejo de possuir e guardar
Como se fosse possível
Abraçar tantas coisas
Em uma só vida.

Queria todas as flores,
Todos os pássaros,
O céu e as nuvens
Que com o vento, passavam...

Queria agarrar entre os dedos,
Segurar sem soltar...
Esquecia-se do medo,
Dos dias escuros
Em que só a luz bastaria.

Fugindo da própria noite
Escurecendo o dia,
Achando que as pedras e pilastras,

As fontes, os rios, as casas,
Os livros, as terras, as palavras
Salvar-lhe iam
Das garras do nada.

E as esperanças alheias,
As vidas alheias,
Pisoteadas
Nas calçadas amargas.

Queria ter, possuir, selar,
O fogo, a terra, a água, o ar,
Que nunca seriam o bastante
Para conter tanta agonia.

E a pequena criatura
Que sob o sol, se movia,
Tentando apenas viver,
- Pisoteada!
Em meio a tanta amargura
Sob botas tão pesadas.

Ah, nada é o bastante
Para quem, o tudo,
Transforma em nada!

SE SOUBÉSSEMOS

Se soubéssemos
Quantos adeuses se escondem,
Adormecidos,
Por trás de cada 'olá',
Talvez nós não deixássemos
A vida passar,
As pessoas irem embora
Sem nosso mais atencioso olhar...

Se soubéssemos
Que a estrada sob os pés
Pode, a qualquer momento,
Desabar,
Talvez prestássemos mais atenção
À linda paisagem que nos cerca,
E que foi com amor, criada
Para que a possamos desfrutar.

Se soubéssemos
Que cada palavra proferida
Pode ter um imenso, enorme peso
Por sobre uma vida,
Talvez as medíssemos com cuidado
Antes de deixá-las caírem
Em ouvidos errados.

Se soubéssemos
Que tudo o que hoje vivemos
Em breve, tornar-se-há lembranças
Que, no futuro, teremos
Para reviver em noites longas e vazias,
Talvez fôssemos mais felizes,
Quem sabe, escolhêssemos cores mais bonitas
Para pintarmos cada dia!...

DIMENSÃO

Tudo fica bem maior à noite;
O amor, o silêncio,
A alegria, a tristeza,
A solidão, a dor...

Tingido de negro,
Salpicado de estrelas,
O sentimento se abre,
Se expande, se revela,
Pinta na tela da vida
A verdadeira dimensão das coisas.

Ah, e se chove!...
Os pingos no telhado,
São como avisos martelados
Daquilo que não queremos
Ou achamos que não devemos enxergar.

A noite revela todas as mentiras
E todas as verdades,
Tirando todos os disfarces da alma,
Aumentando todas as saudades.

E vem a madrugada lentamente,
Se aproxima de nós qual lenitivo
Que nos oferece mais um dia,
Mais uma chance de esquecer,
De achar que superamos,
De fingirmos não perceber...

TÍTULO

Queria ter todos os direitos naturais e autorais
Sobre as palavras e os sentimentos,
Esquecendo que na vida
Se repetem e se entrecruzam
Diferentes momentos.

Queria ostentar a liberdade que aprisiona
Dentro da sua sofisticada
Embaçada,
E falsa redoma.

Queria ser o dono, o senhor de um vil castelo,
Enquanto, com o seu cutelo,
Cortava as palavras emperrando as aldravas,
Lançando setas agudas e envenenadas,
Tal qual um maricas das palavras!

De cavaleiro, sobraram-lhe apenas as ferraduras
De uma montaria que fugiu,
Já cansada das surras,
E alguns súditos que inda viviam sob o seu jugo,
Adoradores de um falso ídolo.

Queria ser o tal, negar o existencial,
Pregar o evangelho de uma bíblia que não seguia,
Pois que da refrega se empanturra e se esfrega,
Enquanto murmura obscenidades.

Queria achar-se dono de um falo desejoso,
Enquanto nem notava toda pena e todo entorpecimento
Causados por sua pena, em fortes ânsias de nojo!

Ah, título emprestado, ou quiçá, talvez roubado
De uma tal nobreza que jamais lhe pertenceu,
Um título forjado, que escondia um vil plebeu
Por sob os podres brocados de um mendigo desbocado!

ALMA PENADA

Ele vaga pela casa
Sabendo não ser lembrado.
-Que destino malfadado
O de saber-se esquecido!

Vem um vento desabrido
Leva o que ficou marcado...
Entre o tilintar das taças
Um desejo malogrado.

Pois que anda pela casa
Sabendo não ser lembrado.
De toda a vida vivida,
Nenhum sonho foi guardado.

Veio a morte, e carregou
O que havia se orgulhado,
E a memória se fechou
Sobre quem havia amado...

Ele chora pela casa
Sabendo não ser lembrado.
Entre os risos de alegria
Ele se queda, chocado.

Tantos anos de ilusões,
Tanto amor desperdiçado
Entre os frios corações
De quem havia adorado.

E ele assombra aquela casa
Sabendo não ser lembrado.

E o que restou de si
Sob um túmulo, fechado.

Não houve vela, nem missa,
Nem mesmo um canto chorado.

Apenas o esquecimento
Sobre o espírito calado.

E ele não vê consolo
Algum, em não ser lembrado.
Em cada canto da casa,
Um retrato retirado.

E ele chora, vaga, assombra
Pelo seu morto passado
Em cada cômodo, a sombra
daquele que foi levado!